

BARATA, Filomena (2024) – *Flora e fauna de Miróbriga: referências literárias, arqueológicas e mitológicas*, Carviçais (TMC): Lema d’Origem, Editora, Ld.^a, 348 pp., ISBN: 978-989-9114-81-4

http://doi.org/10.14195/1647-8657_63_11

Como técnica superior dos sucessivos organismos de Estado que foram tutela do Património Arqueológico, Filomena Barata sempre teve uma predileção especial pela cidade romana de Miróbriga, junto a Santiago do Cacém. Foi responsável pelo sítio, aí realizou sondagens e escavações, pugnou pela valorização das ruínas e vem seduzir-nos agora com uma publicação singular.

Na verdade, logo o título nos faz lembrar uma outra área do conhecimento a que a Autora muito se tem dedicado: a da mitologia greco-romana, com inúmeras publicações suas, nomeadamente em sítios da Internet. E insere-se, por outro lado, numa preocupação que a acompanha: a de tornar a História Antiga acessível ao grande público. Vejam-se, entre outras, as seguintes publicações recentes, todas com a chancela duma simpática editora, a Lema d’Origem, de Carviçais, Torre de Moncorvo: *Glossário de Termos Latinos para a Arqueologia (A-L)*, de 2021, a que se seguiu o referente às letras M-Z, em 2023, ambas de colaboração com Leonardo Rosa Ramos. Nesse mesmo ano de 2023, veio a lume auspiciosa e útil *Bibliografia das Cidades Romanas da Lusitânia em Território Português*.

Ao folhear-se a obra, em formato quase de livro de bolso, surge-nos desde logo a sensação de que se trata de um guia. Depois, ao ver-se o índice, mais esta noção se torna nítida: não é obra para se ler e sim para consultar sempre que necessário.

Estranhar-se-ão títulos como romã, figueira, mirto, camélia, papoila, rã e sapo, perdiz, rouxinol, codorniz... Estão organizados em grandes grupos: flora, fauna, aves/pássaros, outras espécies. O urso e a raposa, por exemplo, estão em “outras espécies”, quando os pensaríamos no capítulo da “fauna”; com efeito, dá a impressão de que a autora se não preocupou muito com classificações nem com qualquer ordem específica, pois os nomes não estão por ordem alfabética, como se esperaria, nem por porte, pois ao morcego se segue o lince. Na sequência pato / ganso / cisne se poderá sentir alguma similitude; mas, decerto, até aí não houve intenção.

E, lido o índice, folheado o volume, a pergunta: que objetivo, afinal, se propõe? Já se analisarão dois exemplos para melhor de tudo nos apercebermos;

contudo, a ideia-mestra depressa se apreende. Recorde-se que, a dado momento, também se encarou a necessidade de enquadrar o estudo das ruínas de *Conimbriga* no panorama ambiental que as envolvia: foi o livrinho publicado, em 1996, pela Liga de Amigos de Conimbriga intitulado *O oppidum de Conimbriga e as Terras de Sicó. Roteiro*, com textos de vários autores e coordenação de Lúcio Cunha (geógrafo), Adília Alarcão (arqueóloga) e Jorge Paiva (botânico). A ideia-mestra é essa: tal como, na atualidade, o arquiteto (paisagista ou não) pensa a sua obra – deve pensar a sua obra – em função do local em que a vai inserir, assim o povo romano procedeu. Não é, por conseguinte, de estranhar que, nos objetos exumados dum sítio arqueológico, possam aparecer figurações de animais e de plantas e, claro, até das divindades a que estavam associadas. Essa também a tarefa do arqueólogo, a de proporcionar uma visão global.

Que fez, então, a Dra. Filomena Barata? Ao longo dos anos foi tomando notas, senhora de muitas leituras feitas, e, agora, as notas ganharam forma de livro, para consulta assídua, conforme teve oportunidade de explicar em nota que inseriu na página do Museu Nacional do Traje:

O livro [...] é fruto de um trabalho de recolha iniciado já há duas décadas. Partindo do princípio de que umas ruínas devem, para além do seu intrínseco valor científico e patrimonial, como testemunhos do Passado, assumir, no Presente, uma estreita relação com o meio e o ambiente onde se inserem, iniciou-se, em torno dessa cidade romana, um conjunto de estudos que pretendiam conhecer e dar a conhecer a sua riqueza paisagística e paleoambiental.

O livro assenta ainda na ideia de que os mitos – essas narrativas que atravessam o Tempo milenar, revelando-nos crenças, histórias, saberes, divindades – constituem também um sistema ecológico em que Deuses, Homem e Natureza se abraçam, motivo pelo que lhe é dedicada grande parte da obra.

Se esse objetivo foi conseguido competirá a cada leitor ajuizá-lo. Eu creio bem que sim e, porventura, o debruçarmo-nos sobre dois dos temas poderá ser elucidativo.

De forma aleatória.

O mirto, por exemplo.

São-lhe dedicadas as páginas 152 e 153, embora a autora não se prenda exclusivamente ao mirto e, ao referir-se ao vinho, ao mês de abril e às silvas, não se prive de mais uma citação ou alusão mítica a tal respeito. Ficamos, no entanto, a saber uma série de informações, que peço vénia para ir completando.

Assim, a deusa Vénus teve o epíteto de Múrcia (*Murtia*, *Myrthia*), porque o mirto (murta) lhe era dedicado. Não se conhece, todavia, qualquer epígrafe em que esse epíteto se registe. Devido a essa ligação com a deusa do Amor, havia, entre os Gregos, o costume de serem adornadas de mirto as grinaldas das noivas. Anota-se que se terá dado o nome de mirra à sua madeira e, por isso, é recorrente a ligação com a história dos Reis Magos e a ideia de poder ser queimada como incenso; creio, no entanto, constituir essa uma relação a

carecer de alguma investigação mais, atendendo à diferença fonética a ter em conta e ao facto de se tratar de plantas bem diferentes: a mirra é uma árvore de que principalmente se aproveita a resina, enquanto o mirto é um arbusto de que o mais importante são as folhas e as bagas. Tomei, pois, a liberdade de dar a palavra ao Doutor Jorge Paiva, eminente botânico da Universidade de Coimbra, que esclareceu:

A murta não tem nada a ver com a mirra, nem com o incenso, que são, realmente plantas aromáticas, mas de uma família muito diferente da família da murta e dos eucaliptos (*Myrtaceae*). Essas plantas são da família *Burseraceae*, que não é nativa da Europa.

Continuando a história do mirto, diz a mitologia que, por ter bebido vinho, Fauna “foi esquartejada pelo marido até à morte com varas de mirto”. Ao invés, em abril, mês de especial predileção de Vénus, não se eximiam as matronas de se banhar nas termas, a fronte engrinaldada de mirto, para obter favores “nas suas vidas amorosas”.

Uma curiosidade surgiu, naturalmente, dada a existência de um hipódromo em *Mirobriga*: que se dirá aqui acerca do cavalo? Esse, por conseguinte, o outro exemplo escolhido.

São-lhe dedicadas as páginas 203 a 209. Não, não parece haver, por enquanto, restos ósseos no espólio de *Mirobriga* suscetíveis de terem pertencido a cavalos, ainda que, como não deixa de salientar a Autora, a existência do hipódromo postularia “a criação de gado equino na periferia da cidade romana, ou seja, que seriam possivelmente criados e mantidos nas proximidades”. Com efeito, informa-se que o vestígio de *equus caballus* mais próximo foi encontrado no sítio romano da Ilha do Pessegueiro.

Filomena Barata aproveita, porém, o ensejo para citar passagens dos autores clássicos e referir achados arqueológicos do território nacional onde o cavalo surge representado, na sua qualidade de Pégaso ou atrelado a bigas na representação de corridas. Não falta a referência à velocidade dos cavalos lusitanos por as éguas serem fecundadas pelo Favónio, como escreveu Plínio; e aos pormenores sanguinolentos da *October Equus*, festa, a 15 de outubro, em que o cavalo que tinha a infelicidade de ficar vitorioso recebia como prémio... ser sacrificado a Marte! (p. 204).

“Associado à natureza instintiva, à energia vital” (*ibidem*), a representação do cavalo perde-se, como sói dizer-se, na noite dos tempos. Alude a Autora à sua representação nas gravuras do Vale do Côa e na Gruta do Escoural; contudo, é vastíssima a literatura arqueológica acerca do simbolismo do cavalo, designadamente porque se antoja como o portador do espírito do defunto para o Além. Nesse âmbito, o saudoso Professor José María Blázquez dedicou-lhe inúmeras páginas. Permita-se-me que destaque, a título de exemplo, do livro *Imagen y Mito (Estudios sobre Religiones Mediterraneas e Ibericas)*, publicado, em 1977, por Ediciones Cristiandad, de Madrid, os capítulos “Cultos

solares en la Península Ibérica – El caballito de Calaceite” (pp. 252-260); “Caballos y ultratumba en la Península Hispánica” (p. 261-277 – onde se incluem monumentos epigráficos relacionáveis com esse tema); “La heroización ecuestre en la Península Ibérica” (pp. 278-289); “Dioses y caballos en el mundo ibérico” (pp. 290-306).

Enfim, são densas de informação as suculentas páginas com que Filomena Barata nos quis brindar. Densas e sugestivas, porque aguçam o apetite e nos incitam a querer mais. Acabamos por verificar que – salvo o erro – *Mirobriga* poderá ter sido, afinal, excelente pretexto para revelar que não só de objetos escavados deve a Arqueologia viver. Objetos são indícios dum mundo natural envolvente, sim, mas também de um mundo cultural que lhes estava subjacente. O objeto revelador do Homem no seu ambiente e nas suas crenças, por mais fantasmagóricas que sejam!

José d'Encarnação

Universidade de Coimbra

Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

jde@fl.uc.pt

<https://orcid.org/0000-0002-9090-557X>